

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 28 numeros. Para os Estados 26\$000 e 13\$000 — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

MONIZ FREIRE. .	Rodrigo Octavio.
CHRONICA FLUMINENSE. . .	A.
CONVALESCENTE.	Emiliano Pernetá.
VIVENDO.	Raul Braga.
INDIFFERENÇA.	Celso de Menezes.
O DEFUNTO	Cosimo.
ENCORE.	Edmé Paze.
PALAVRAS A AMELIA.	Cunha Mendes.
VINHO INVISIVEL.	Bento Ernesto Junior.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO .	Alfredo Bastos.
SERPE	Julio Cesar da Silva.
THEATROS.	X, Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. ALFREDO MADUREIRA

MONIZ FREIRE

De entre os nomes que n'esta Patria republicana se vão impondo á consideração de todos e ao respeito publico, por certo avulta o do illustre espirito-santense cuja figura sympathica vem hoje honrar a galeria do *Album*. Ao passo que em alguns estados da Republica os corações patriotas se confrangem ante o deploravel espectáculo da degladição partidaria que, descendo para o terreno mesquinho das ambições pessoais, esterelisa o que tem de salutar para o equilibrio administrativo a luta necessaria dos partidos, no pequeno Estado do Espirito-Santo observam-se os resultados beneficos da federação pelo aproveitamento consciante e systematico dos inextinguiveis elementos de riqueza natural que se desenvolvem e se accentuam n'um ambiente saudavel de paz, de trabalho e de respeito á lei.

E esse phenomeno cuja apreciação satisfaz o espirito e reconforta o animo dos que tudo esperam alcançar para esta Patria com o regular funciona-

mento do organismo institucional republicano que está aparelhado, é nada mais que a consequencia immediata da ciscumpeção e da justiça no governo do Estado.

E' este o maior elogio que se pôde fazer ao Dr. Moniz Freire, escolhido pelo povo de Espirito-Santo para presidir aos destinos da terra natal n'esta phase de reconstrucção administrativa.

A actual situação economica da antiga provincia, que vegetava parasitariamente á sombra dos orçamentos imperiaes; as condições prosperas e promissoras que se lhe devem assignalar presentemente no conjuncto das parcelas que compõem a União brasileira; a sabedoria com que o desenvolvimento do Estado tem sido aproveitado, collocam por certo o governo do presidente do Espirito-Santo como o mais directo e accentuado elemento determinativo do engrandecimento da Patria.

Nem outra coisa era de esperar de quem em todas as circunstancias da vida tem sabido sempre dar as mais satisfactorias contas de si.

O Dr. José de Mello Carvalho Moniz Freire nasceu aos 13 de Julho de 1861, na cidade da Victoria, velha capital de seu Estado. Em 1877, iniciou nas bancadas do Recife os seus estudos academicos, passando-se no anno seguinte para S. Paulo, onde pelo anno da 1881 com brilhantissimo os terminou, sob as arcadas do secular convento franciscano.

Feito bacharel, como toda a gente, partio-se para sua terra a conquistar com o trabalho a notoriedade a que tinha direito pelo seu talento e pelo seu caracter. Na Victoria, fundou com o distincto jornalista Cleto Nunes, actual ornamento da representação espirito-santense no Congresso Nacional, o primeiro jornal diario que teve publicidade n'aquella circumscripção do territorio brasileiro.

Na *Provincia do Espirito-Santo*, hoje *Estado do Espirito-Santo*, desenvolveram-se e accentuaram-se as qualidades de publicista do antigo redactor chefe do *Liberal Academico*. E d'essa lucta de todos os dias pelo progresso de sua terra veio tiral-o o eleitorado, elevando-o á difficil posição de presidente da Camara Municipal da Victoria, onde as suas qualidades de administrador se reve-

laram nos reaes e assignalados serviços que prestou ao municipio e posteriormente dando-lhe assento entre os legisladores provinciaes.

Filiado ao partido liberal, cujas ideias mais radicais sempre abraçou com fervor, desde os bancos de estudante, veio representar sua terra no Congresso convocado n'esta capital, em 1888, pelos seus chefes mais eminentes. Ahi Moniz Freire se destacou da attitudo conciliadora e timida da maioria, pugnando abertamente pela federação e assignando o celebre voto em separado de Ruy Barboza. Em 1889 foi mandado á Camara dos Deputados, tendo deixado de desempenhar o seu mandato por força da revolução de 15 de Novembro que, proclamando a Republica, dissolveu o Parlamento.

Voltando ao Espirito-Santo, Moniz Freire lançou-se abertamente nos intuitos da revolução e publicou um notavel manifesto politico, no qual concitou os seus amigos e conterraneos a servirem leal e francamente á Republica, de cuja realisação decorreriam por certo os mais solidos elementos de progresso e prosperidade da Patria.

Tendo conquistado a confiança dos seus concidadãos, foi posteriormente encarregado, juntamente com o douto advogado Manoel Augusto da Silveira, de confeccionar o projecto da Constituição, que, aceito pela Constituinte, é hoje o codigo fundamental do Espirito-Santo, talvez o Estado da União brasileira cuja constituição represente a adaptação mais criteriosa e perfeita dos principios geraes do direito publico moderno ás condições peculiares e espezias da indole e costumes de nosso povo.

No Congresso Constituinte, onde teve assento, o illustre moço espirito-santense conquistou desde o inicio das sessões um logar saliente pela elevação de vistas com que collaborou na confecção do pacto fundamental da Republica, empenhando-se com ardor em varias discussões importantes.

Deputado, em seguida á terminação dos trabalhos constituintes, Moniz Freire collocou-se resolutamente do lado da Nação, contra o governo do ministro que conseguiu, dominando o espirito do heroico presidente da Republica, lançal-o na lucta desoladora que terminou na dissolução criminosa do Congresso e na consequente reacção de 23 de Novembro.

Então, apoz o cataclisma que convulsionou o paiz por toda a parte em que a organização dos governos locais se resentia da influencia perniciosa da dictadura deposta, Moniz Freire foi elevado á suprema magistratura do seu Estado, organizado sob um regimen verdadeiramente democratico e popular.

O que tem sido o seu governo já foi assignalado nas primeiras linhas d'este artigo. A prova mais eloquente da alta competencia e do seguro criterio administrativo do actual presidente do Espirito-Santo fornece-nos a prospera situação economica

do Estado, fecunda em promessas do mais brilhante futuro.

*

O *Album*, offerecendo o retrato do illustre brasileiro, felicita calorosamente o Estado do Espirito-Santo.

RODRIGO OCTAVIO.

CHRONICA FLUMINENSE

Continúa a accentuar-se o movimento litterario. Decididamente as lettras brasileiras vão entrando n'um periodo de prosperidade e grandeza. Salve!...

*

O editor Domingos de Magalhães acaba de publicar as *Baladilhas*, de Coelho Netto, uma nova edição dos *Escreptores e escriptos*, de Valérim Magalhães, as *Rimas de outr'ora*, de Affonso Celso, e não sei que mais.

As *Baladilhas* são um livro notavel, que muita gente leu aos pedaços nas columnas do *Paiz*, e ha de ser agora apreciado *en bloc* por quantos se interessarem pelo engrandecimento das nossas lettras.

Escreptores e escriptos contém muitas paginas de critica san, criteriosa e sincera.

Alguns versos das *Rimas de outr'ora*, publicados já nos *Preludios*, nos *Devaneios*, nas *Telas Sonantes* e nos *Poemetos*, apparecem agora refundidos; outros são inteiramente ineditos.

O livro, arrancado ao poeta por uma doce violencia do editor, vem provar que Affonso Celso não tem o direito de pendurar a lyra no salgueiro classico.

Cá fico á espera das *Rimas de hoje*, que serão o *pendant* das de outr'ora.

*

Alguns dias antes de apparecerem as *Baladilhas*, os editores J. Cunha & C. publicaram *Praga*, interessante novella de Coelho Netto, estudo psychologico do remorso, contendo descripções encantadoras de algumas paizagens quentes lá do Norte.

A acção do romance desliza entre negros escravos, e é de um nacionalismo absoluto.

Praga, disse-me Coelho Netto, é o ensaio de uma grande obra, que elle medita, sobre os escravizados de outr'ora. N'estas magnificas paginas elle apenas quiz affazer a mão e o espirito.

Feliz o escriptor que produz primores quando experimenta a penna!

*

Um livrinho delicioso é também *Lotus*, collecção de versos de Luiz Rosa.

E' o primeiro volume da « Bibliotheca da *Semana* ».

O poeta merece o carinho com que a typographia Aldina manufacturou o seu livro. Luiz Rosa é um dos nossos lyricos mais harmoniosos e fluentes.

No *Lotus* ha versos tão bonitos, tão musicaes, que de bom grado perdôo a preocupação de exotismo chinês e japonês que transparece em toda a obra.

O que não perdôo são impropriedades d'esta ordem :

Vendo-lhe o pé branco e estulto...

Pés estultos só os pôde haver pela força, não das circumstancias, mas das rimas.

*

Braz Patife reunio n'um volume (tresentas e tantas paginas, se me fazem favor !) as *Historietas* com que desopilou durante mezes os leitores do *Tempo*, aliviando-os dos assumptos politicos.

E' um livro cuja leitura não se pôde recomendar ás senhoras, nem mesmo ás sogras, em que peze á opinião da *Gazeta*, mas não ha duvida que pelos rapazes será lido e relido com prazer.

Braz Patife é engenhoso e tem graça.

*

Tambem têm graça os versos que, sob o titulo *Cantando e rindo*, Lulú Parola escreve todos os dias no *Jornal de Noticias*, da Bahia, e ao cabo de algum tempo reúne em livro.

O anno passado publicou elle um volume, agora outro, e me remetteu ambos. Agradeço-lhe muito o presente, pois os seus versos fizeram-me passar momentos bem alegres.

*

Não porei o ponto final n'esta chronica, ou antes, n'este boletim bibliographico, sem agradecer ao eminente professor Dr. Domingos Freire o exemplar, que me offereceu, da memoria por elle apresentada ao Congresso do Mundo, reunido em Chicago por occasião da Exposição Colombiana, sobre a *Natureza, tratamento e prophylaxia da febre amarella*.

Todos sabem que Domingos Freire ha muitos annos se occupa na demonstração do character microbiano da febre amarella; pois bem : n'esta memoria o illustre investigador synthetisou as suas ideias sobre o assumpto, espalhadas, desde 1880, em mais de vinte livros e brochuras. E' inutil, pois, insistir sobre o valor scientifico d'estas paginas, que recomendo aos meus leitores.

A.

CONVALESCENTE

Choveu durante largo tempo; dia
Sobre dia choveu, e ella, doente,
E ella, pallida e triste, em febre, via
Brumoso e feio o céu continuamente

E nem uma esperanza mais! Chovia
Mas, melhora, e, olhando o céu em frente,
Vê que o céu fulge e se enche de alegria,
De uma alegria de convalescente!

E, debil, de mansinho abre a janella ..
O sol casquilha, em ouro se derrama,
Fóra, na balsa como uma risada.

E ella : Que doce por aquella estrada
Pizar agora em luz ! Feliz quem ama
Como eu amo esta vida, que é tão bella !

EMILIANO PERNETTA.

VIVENDO...

(*Notas intimas*)

A ARTHUR AZEVEDO

47. Nota.

Essa criança que ahi vae, cerrada para sempre á luz, n'esse esquite coberto de flores, por uma ironia atroz e inconsciente, agora que ella já não as pôde aspirar, nem ver, enche-me os olhos d'agua, sem que eu possa conter o meu pranto.

Não é o commum sentimentalismo da morte de um coração ainda não desabrochado á vida; outra ideia... outro sentimento, vago embora, me domina.

Candida alma em que a vida não era ainda uma flor e que a madrugada das tuas pupillas fechaste tão cedo, como se acaso o sol que te iria queimar em breve a carne fosse demasiado forte para a tua natureza e a crestasse logo, ao seu primeiro raio, — quem sabe ! eras para o meu amor, talvez...

Ah ! a crueldade da morte ! ah ! a sombra negra d'esse corvo pelo triste luar dos meus dias !... Noite clara da minha vida, nunca terás a alvorada do affecto que destinado te estava ! O coração que ahi dormia n'esse corpo franzino onde a mulher não se accordára ainda, era teu, quem sabe ! Só elle te aqueceria o peito, só elle se afinaria pelo teu, alma romantica de retardado para a vida !

Viuvo sem ter amado, viuvo sem que outra alma, irman da minha, n'ella se me haja fructificado ! Esta ideia enlouquece-me, faz-me saltar como um *clown* em cabriolas de dor...

Perdido para sempre!— essa noite, esse luar, dos meus dias, será como a madrugada, o crepúsculo, d'essa pequenina existencia cerrada tão cedo á luz: — toda a minha vida, toda a minha vida,— até que o momento chegue da eterna noite sem lua

Tu viverás como um somnambulo, pelas trevas do teu proprio espirito; serás o duende das tuas proprias horas de sombra: phantasma illusorio do silencio e da treva, de que as almas timidas fugirão com horror, até que o teu desaparecimento que poderá ser a tua manhan, entretanto, — te apague de ante os seus olhos

Morta criança que eu não conheci e que eras a alma talvez por quem eu esperava para viver,— a quem o meu coração aguardava talvez para irromper na sua primeira alvorada: — por que te vaes assim, sem que eu te visse ao menos, sem que eu soubesse ao menos que eras a alma que destinada me estava?!

Ergue-te! levanta essa pesada tampa do teu esquite! surge de entre as flores que te cobrem, como outra flor, um pouco pallida apenas, por falta de sol, e mostra-te a mim, e responde á agcnia, ao estertor da minha duvida,— criança!

*

48ª nota.

Eu divertia-me com a minha sombra. Homens que passavam riam-se: — "Quem sabe, um doido!... — Não! de certo, o vinho"...

E eu continuava a rir-me a falar, com ella... a seguil-a. — "Eu não me espanto com as suas loucuras; façam outro tanto com as minhas..."—E eu seguia, e eu continuava a divertir-me, a falar, a rir-me, com a minha sombra...

Gesticulava, dava-me posições grotescas, a ver o effeito sobre as pedras e sobre as paredes, — e gargalhava n'um prazer infundo... Tirava o chapéo, arrepelava o cabello com as mãos, tornava a pôr o chapéo, — e uma hilaridade feliz, de unico homem venturoso, echoava, de mens labios, por toda a rua.

Homens que passavam riam-se. Meu Deus! porque?... Respeitem a minha alegria!... eu outra coisa não posso ser que um alegre. E' que a minha dor, o drama doloroso e latente da minha vida, ha alguém que o comprehenda ou respeite?!... Deixem-me rir, pois: respeitem, ao menos, a minha alegria!...

A minha dor bem que merecia o vosso respeito, e a desprezaveis e vos rieis d'ella; a vossa alegria outr'ora me revoltava, e eu calava-me, no emtanto... "Como! dizia-me eu: a minha dor deve se calar e a vossa alegria não?!.. Não é a minha dor mais elevada, mais justa que a vossa alegria?! — não haverá, pois, mais razão para que eu me expanda que vós?!... — Calae-vos, pobres! vêde que eu soffro, embora não chore, não soluçe, a unica

maneira, talvez, porque o comprehenderieis; respeitae a minha dor, não a enxovalheis com a imbecilidade, com a miseria da vossa alegria!...

Debalde! Eu só... eu apenas, que soffria, não me devia expandir... Que eu me ria, então! respeitem ao menos a minha alegria!...

Gwinplaine da tortura do teu escarneo e da tua impiedade, mundo,— que eu exhiba eternamente a mascara do riso... Oh! o Quasimodo moral que eu me sinto, diante da *bondade* e da *justiça* do teu coração e do teu espirito, ó mundo!...

*

49ª nota.

Do meu extase, do extase em que eu ia,— subito, um perfume muito intenso de essencia me arrebatou, accusando-me logo a entrada de uma mulher...

Olhei... Duas senhoras de preto, véos pelo rosto, d'esses véos borrifados de pequenos pontos negros dando ás que os trazem a apparencia de que moscas lhes cobrem as faces...

Não examinei se eram bellas; do azul do meu extase e do meu devaneio ainda tinha eu os olhos cegos para as coisas de em roda: não o notei, pois. Além disto, o perfume que me envolvia era o bastante para que não me desagradasse a sua proximidade — tres bancos apenas adiante. Que mais desejaria eu?...

E voltei ao meu sonho, e fugi para o meu sonho, embalado agora por essa musica do cheiro, musica forte que me atordoava o preciso para não ouvir as rudes conversas de em torno, os rudes sons dos longos caminhos por onde me ia arrastando o vehiculo...

Mas como cança até o sonhar!... Demais, esse perfume intenso de essencia fina entontecia-me alfim, fazia doer-me a cabeça... Latejavam-me as fontes.

Desci de novo do azul, do azul do meu sonho e do meu devaneio: — a olhar, porém, d'esta vez, a vel-as bem, essas mulheres que se impregnavam assim de um cheiro tão forte... olfatos *blasés*, quem sabe! — que só assim podiam sentir; machiavelicas almas de La-Glus, quem sabe! — buscando entontecer aquelles que d'ellas se approximassem, para mais completamente os prendem.

Olhei-as... olhei-as bem, d'esta vez, n'um esforço de toda a minha vontade contra essa embriaguez invasora... como quem encara um inimigo irreconciliavel e perfido...

Ah! se mulher eu fosse, Deus meu! e um rosto eu tivesse assim!... Suicidava-me, suicidava-me, de certo...

Perfidas, perfidas, sem duvida, ainda mais que eu julgava; perfidas e loucas!

Perfume para illudir, para me entontecer e não me chamar os olhos sobre o seu rosto, fazendo-me julgal-as bellas! para me embriagar, ao ponto de



Phototypia J. Cutierrez.

DR. J. M. C. MONIZ FREIRE

vel-as como não são... Mas ainda bem que a
minha vontade venceu... mas ainda bem que a
minha vontade venceu!...

RAUL BRAGA.

INDIFFERENÇA

A JOÃO DE DEUS DO REGO

Na camara em que a lampada azulada
Entorna uma apparencia principesca,
Com a voz maguada e harmoniosa e fresca
Ella estridula a ultima ballada;

Finge expressão sentida e torturada;
Uma *pose* soberba e romanesca;
Uns longes imitados de Francesca
A um veludesco nicho recostada.

Um velho almiscarado, *aza cahida*,
Cuja mania é requestar fidalgas
Casos insulsos a narrar se entrega,

Em quanto ella, impassivel, distrahida,
Fria, mais fria que as geladas algas,
Contempla um busto de esculptura grega.

CELSO DE MENEZES.

Rio, 1894.

O DEFUNTO

A redacção do *Album* foi obsequiada por Filinto de Almeida com um exemplar da sua espirituosa comedia o *Defunto*, representada em Lisboa, no theatro D. Maria II, em 1891, e n'esta capital, no Recreio Dramatico, em 1892.

O *Defunto* é um delicado *lever de rideau* jogado entre tres personagens, e escripto em versos alexandrinos dignos do fulgurante poeta da *Lyrica*. Trata-se de uma viuva moça e bonita que, para certificar-se de que é realmente amada por um primo que a pretende, se finge apaixonada pela memoria de seu marido. Cede, afinal, porque vê que o rapaz está disposto a matar-se como Catão, Marco Antonio e Séneca.

E' um interessante trabalho litterario, cujo exito, no palco, depende exclusivamente dos actores. Lido, é delicioso.

O *Defunto* foi primorosamente impresso em Lisboa, na typographia da Companhia Nacional Editora.

COSIMO.

ENCORE

Sur les satins frôleurs mollement étendue,
Dans l'adorable nu de nos premiers parents,
La pointe de ses seins rigidement tendue,
ELLE geint de plaisir en spasmes effarants.

Les flancs gonflés d'ivresse, au désir qui la tue
Elle immole sa chair avec des mots troublants;
Ses nerfs surexcités tordent ses deux bras blancs,
La volupté l'étreint; elle est morte, rendue!

Des cris plaintifs, tels ceux d'un enfant qui vagit,
S'échappent de sa bouche, ou la pourpre rougit
Sous la cinglante ardeur du feu qui la dévore,

Et, tandis qu'elle allume, au fond de ses yeux clairs,
Dans un dernier plaisir, d'hystériques éclairs,
D'une voix presque éteinte elle murmure: «Encore».

EDME PAZE.

PALAVRAS A AMELIA

A saudade, Amelia, é uma offerta deliciosa do passado: e esta offerta, guardo-a em minh'alma abatida de uma tristeza de mar em praia despovoadada, guardo-a em meu coração vasio como um ninho contendo os frios cadaveres de duas aves implumes.

Quando nos despedimos, disseste que tudo poderias esquecer, porém jamais fugiria de tua memoria esse luar tranquillo e ineffavel do meu amor, esse amor de alma embalada em vagas mansas de scismas occultas aos olhares perfidos e a salvo dos furiosos sarcasmos d'um temporal: — disseste mais que a minh'alma se habituasse a sentir a saudade profunda e commovedora d'essas horas bemditas e rapidas como o clarão d'um meteoro

Ah! n'este expirar de luz em espaltos dolorosos de arrancar lagrimas, scismo em teus olhos azues e rodeados suavemente de uns tons violaceos: ouve, Amelia, jamais tão endolorida saudade me amargurou os infinitos minutos da existencia solitaria, jamais tão insanavel e secreto desespero me arrastou a desanimos sem limites e sem balsamos fugazes, como na tarde de hoje, n'este expirar de horas n'um continuado e inexprimivel esvaecer de côres suaves e embebidas de uma nostalgia melancolisada pelo rumor de beira-mar e pelo tremulo som de um sino que põe no céu a indecisa tristeza das Ave-Marias

E sabias, mais do que eu, ser-me impossivel acalentar, divino em sua essencia e mortal em seus resultados deliciosos, esse amor decantado em versos memoraveis, regenerado em Magdala, san-

tificado em Thereza de Jesus, barateado nas Elviras e desvalorizado na permutação conscienciosa do recebe-se e do paga-se: sim, Amelia, tudo isto sabias, porque as mulheres conhecem profundamente as faces mais subteis d'esse sentimento perpetuado na humanidade.

Por isto descerraram-se os teus labios formosos e me disseram que a saudade subsistisse em mi-nh'alma: ella subsiste, Amelia, e continuará a subsistir, pois o coração que se alimenta da saudade é um coração morto, sem mais vida para gosar uma esperança, sem a esperança no dia seguinte! E d'esta saudade é que o meu se alimenta

CUNHA MENDES.

Rio, 24 Maio 94.

VINHO INVISIVEL

Em fins de Agosto, ao beijo das primeiras
Chuvas, lavando o céo enfumaçado,
O campo perde o aspecto desolado,
Um tapiz novo e claro occulta as leiras.

Do tronco escuro, forte, das mangueiras,
Brotam gommos de um verde delicado
E enfeitam-se p'ra o mystico noivado
As folhudas, umbrosas lorangeiras.

Frescos corymbos de uma alvura casta
Desabotoam de entre a fronde basta
Das goiabeiras, attrahindo insectos.

E os redivivos vegetaes, repletos
De nova seiva, exhalam rescendente
Aroma forte que embriaga a gente.

BENTO ERNESTO JUNIOR.

Pará—1894—Minas.

Recebemos n'estes ultimos dias: o *Diario do Maranhão*, a *Republica*, da Fortaleza, Ceará; a *Verdade*, de Pão de Assucar, Alagoas; a *Gazeta de Petropolis*, a *Actualidade*, de Valença, o *Monitor Campista*, Rio de Janeiro; o *Estado de Minas*, de Ouro-Preto, o *Diario da Tarde* e o *Pharol*, de Juiz de Fóra, a *Patria Mineira*, de S. João d'Elrey, o *Character*, de Lavras, a *Vida*, de Taboleiro Grande, a *Folha*, de Barbacena, *Colombo*, do Rio-Novo, Minas-Geraes; o *Diario de Campinas*, o *Popular*, de S. Carlos, o *Oeste de S. Paulo* e o *Bem Publico*, de Casa Branca, a *Ordem*, de Mogy-Mirim, S. Paulo; o *Paiz*, o *Diario de Noticias*, a *Semana*, o *Archivo do Districto Federal*, d'esta capital, etc.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

A pouco e pouco o delirio descreceu e as familias principiaram a abrigar-se com essas enormes capas de inverno que transformam o aspecto franzino e faceiro da mulher em gravidade pezada e assustadora de um guardião cossaco.

Das primeiras, Carmen dispunha-se a partir, em quanto Dolores e o coronel Blanco ainda juntavam os seus francos accionados á manifestação geral.

E n'esta apparente phase do amor, que era a do despeito, dava-se um caso singular.

Lucio e Carmen diziam, em consciencia, que tinham sobejas razões para se detestarem, para transformarem toda a entusiastica expressão do seu amor em outra de repulsão, e até de odio.

Todavia, um e outro calavam a voz da confiança para deixar em plena liberdade a grita da soberba.

— Ama-o, apesar da sua baixeza! — dizia ella, convencida de que o proposito do moço fóra apregoar a diffamação do nome de sua mãe, fazendo suppor Dolores culpada aos olhos do respeitavel coronel Blanco.

— Amo-te, apesar da machinação infernal, obra tua, para deprimir a obra de minha intelligencia, que não comprehendeste, que seria, para uma creatura verdadeiramente amante, razão para crescer, se possivel fosse, em sentimento e carinho, mas que tu, demonio, ludibriaste com o teu indifferntismo sarcastico, com o teu sorriso satanico e com o teu feito de morte! Sim, porque a quizeste suffocar, a essa pobre comedia, escripta para moralidade social, para exemplo que tua mãe não chegou a entender e para que á força de provas Dolores conservasse illeso o nome de teu padrasto.

Era o contraste d'esses dous sentimentos, no fundo o mesmo, e unisono todas as vezes que lhe batia no coração a nota profundamente sonora do amor.

Aos poucos, porém, a sala de spectaculo descarnava-se, como um cadaver sobre o qual opera um grupo de anatomistas em amphitheatro de uma escola medica. O povo caminhava apinhado nas immediações das portas, como onda que vem de longe n'um movimento sereno, perseguida por outras que lhe hão de succeder.

E as cadeiras e os camarotes, com os seus longos e fundos intervallos, similhavam um esqueleto polido. No recinto da orchestra ainda se viam alguns musicos, vestindo uns longos *sobretodos* aos violinos, e a sobraçarem-n'os com a doce caricia da paternidade.

Os contrabaixos e os trombones recostavam-se ao madeiro da rampa, como guardiões d'aquella

sala, esperando que se apagasse a luz do gaz para cahirem no silencio da escuridão.

A familia Blanco partira, enquanto Lucio e Carrero ainda se encontravam aos abraços com o empresario, mais orgulhoso de seu triumpho financeiro, do que do achado que acabava de ter na pessoa de um auctor dramático applaudido.

Os actores e actrizes felicitavam-n'o, a Lucio; queriam respirar ao lado de quem lhes proporcionára uma noite de victoria.

E diziam, com ademanos de pessoas modestas, que haviam feito o que poderam.

Lucio achava-os admiraveis; tinha visto muitos artistas, assistido a centenas de estreias, e não invejava a de nenhum auctor.

— Fui feliz! — dizia modestamente.

— Qual feliz! é que tem merito e o que tem merito ha de sempre vencer! — affirmava o empresario.

— Que rapagão! diziam entre si duas actrizes, duas raparigas que trocariam todos os seus triumphos de artistas pelo coração de Lucio.

De subito, a conversa foi sorprendida. Um novo personagem appareceu; altivo de porte, elegante de maneiras. Tocou ao de leve com as pontas dos dedos no hombro de Lucio. Este voltou-se e deparou com o coronel Herrera.

Brilhava-lhe nos olhos a luz da sympathia e do orgulho; nos labios brincava um sorriso que se transformou n'um beijo sonoro, beijo que bateu a fronte do doutor de parceria com um abraço franco, largo e herculeo, um abraço de militar que alcança prisioneiro um amigo perdido, um abraço de pae que vem a partilhar do triumpho legitimo do filho. Lucio deixou-se enlaçar por aquelles dous braços affectuosos. O silencio era eloquente.

Carrero afastou com um gesto os artistas e foi dizer-lhes em distancia a que especie de sentimento correspondia a expansão d'aquellas duas almas.

— Respeitem-n'os; é um pae que abraça um filho triumphante.

— Sabes — murmurou o coronel depois de dar largas á effusão em que trazia a alma — sabes que tenho a condemnar a modestia do teu silencio?

— Se não fui eu que me trahi! Carrero sabia-o e denunciou-me. Fez mal; assim como foi um triumpho, podia dar-se um descalbro ou uma derrota. Ainda assim... não ouviste o pequeno ruido de desagrado?...

— Sim!... recordo-me d'esse pequeno rumor, no *paraizo*, em seguida á pronunciaçãõ de teu nome. A quem attribues esse proposito?...

— Ao ente a quem unicamente consagrei uma affeição intensa e entusiastica.

— De amor?

— De amor.

— N'esse caso foi ella?...

— Bem! — atalhou Lucio, sem sustar a phrase que lhe subio, em fezes, do coração aos labios...

— Comprehendeste tudo! adivinhaste o meu amor..

— Não adivinhei!... li nos teus olhos...

— E ella!...

— Vendeu o seu amor... e fez-se pagar por essa pateada ridicula e cobarde!...

— Carmen!...

— Sim, Carmen! E' incrivel!... eu mesmo não posso explicar... Felizmente, porém, aqui chega Carrero. Foi elle o denunciante, compete-lhe a explicação

Quando terminou esta afirmativa, já Carrero estava ao alcance das palavras e tudo poude comprehender e decifrar.

— Entendo e confirmo! Como, porém, esta noite é de festa e de gloria, é necessario que a terminemos bem, como rapazes alegres e triumphantes. Na *Confeitaria Oriental* esperam-nos alguns moços, teus admiradores. Auctorisaram-me a convidar-te, e por consequencia ao coronel para uma ceia de *rapazes*, modesta, ceia mais para palestrar e rir e menos para comer.

— Aceito e orgulho-me! agradeceu o coronel Blanco.

— Uma palavra antes da alegria! Como explicas o procedimento de Carmen?...

— Perfeitamente... lá na *Confeitaria*; lá, para que afoguemos a ingratição de uma mulher em dous dedos de vinho de Bordeus; lá... para que ao triumpho litterario te succeda o triumpho do coração.

— E' dar a publico...

— E que te pó-le importar, quando é a morte que vamos dar, moralmente, a um ente desprezível, machina dos caprichos de uma mulher?...

Carrero convidou-os com um gesto. O coronel Blanco tomou a iniciativa e abriu o passo.

D'ahi a momentos o *Solis* tinha o aspecto de uma gigantesca mole, abandonada á neblina de uma noite de inverno.

E bateram a calçada com esse passo particular dos individuos, que deixam a todo o peso do corpo e a toda expansão e elasticidade dos nervos o direito de comprovar que estão apressados e que lhes ancia fortemente o coração.

— Já nos devem esperar com impaciencia! — dizia Carrero.

Lucio caminhava automaticamente, immerso n'um pelago de considerações, acerca do enredo romantico em que, não ha muito, se vira envolvido.

— E' estranho! — dizia em consciencia e pensando todas as phrases de raciocinio — é verdadeiramente singular o que me occorre: um homem que levanta um degrão para dar-se a luzir aos olhos da mulher adorada, empunhando um trabalho applaudido... e eis que na esperanza de grande e feliz exito, tudo se convolve, apresentando o reverso da medalha. E... para que ainda não fosse sufficiente toda a difficuldade em decifrar este

diabolico logogrypho, que me anda antependo a intelligencia o inexplicavel procedimento de Carmen, ajunta-lhe Carrero a personalidade de um imbecil! — como diz elle — que servio de machina aos satanicos projectos da mulher ingrata!...

A' fé que não sei fugir do labyrintho; ou tudo iste é extremamente ridiculo, — porque um homem serio não se deve occupar com estas nonadas, — ou é singularmente romantico, e n'esse caso estou envolvido no *embroglio* e por consequencia na obrigação, voluntaria ou involuntariamente, de representar o papel de galan, um *Mario dos Miseraveis*, um *Maximiano do Monte-Christo* ou um *Armando da Dama das Camélias*.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

SERPE

A CUNHA MENDES

O demonio. uma vez me disse do seu fojo:
«Quero dar te, homem máo, para que d'hoje em diante
Possas tentar o amor sem provocar o nojo.
De uma serpe lustrosa a fórma extravagante.»

Disse, e logo, com pasmo, eu vi minguar o bojo
Do meu corpo, e alongar-se. E fui n'aquelle instante,
Uma serpe, mostrando a caminhar de rojo,
Uma coloração de escamulas brilhantes.

Esgueirei-me de rasto e escondi-me na treva,
Para melhor tentar, como a serpe traidora
Da Biblia, o coração e o casto amor de uma Eva.

Ella, porém, ao ver-me, adiantou-se travessa,
E, com o mesmo furor da antiga Peccadora,
Achatou-me, com força, a pérfida cabeça.

JULIO CESAR DA SILVA.

S. Paulo.

THEATROS

(NOTAS A LAPIS)

POLYTHEAMA. — Estreia da companhia lyrica Sansone com o *Trovador*, de Verdi. Camarotes de 1ª ordem, 25\$000; de 2ª, 15\$000; cadeiras de 1ª classe, 4\$000; de 2ª, 2\$000; entradas, 1\$000. E está feita a critica.

LUCINDA. — Depois do *Tiradentes*, a companhia Moreira de Vasconcellos deu-nos um *Guarany* estrahido, pelo empresario, do romance de Alencar, e agora poz em scena *Itararé*, revista em 3 actos e 12 quadros, letra e musica de Assis Pacheco. A peça tem algumas scenas engraçadas, mas o desempenho dos papeis e a encenação deixam muito a desejar. A musica é interessante, mas os melhores numeros figuraram já no *Pum!* e no *Tribofe*. A revista é paulistana durante os dous primeiros actos; no 3.º o auctor leva-nos ao hotel Ravot e ao largo da Carioca. O actor Castilho deu um magnifico typo de caipira, e o actor Senna imitou com muita graça o Brandão no *Abacaxi!* Foi o clou da representação.

*

SANT'ANNA. — N'este theatro reapareceu uma opereta que o nosso collega Arthur Azevedo considera um *peché de jeunesse*, o que aliás não a impedio de levar dinheiro á bilheteria. Intitula-se *Abel, Helena*, é uma adaptação á scena brasileira da *Bella Helena*, de Meilhac, Halévy e Offenbach. Uma serie de infantilidades, que se salva pela musica saltitante e inspirada do celebre compositor franco-alemão. Colás, Peixoto, Bahia, Mme. Mas-sart, Clelia e os demais artistas da popular companhia organizada pelo Heller dão á opereta um desempenho muito regular.

*

VARIEDADES. — *Reprise* da magica as *Maçãs de ouro*, o penultimo trabalho de Soares de Souza. Deslumbramento de encenação e entusiasmo do publico. Reapparición de Leonor Rivero, sempre bonita, applaudida sempre.

*

APOLLO. — Revesa os seus espectaculos com *Pum!* e *Abacaxi!* emquanto não nos dá a primeira representação de *Nem a tiro!* comedia traduzida pelo Dr. Augusto de Castro.

*

RECREIO. — Hoje uma, amanha outra peça velha do repertorio. Estão em scena os *Milagres de Santo Antonio* e preparam-se os *Filhos do capitão Grant*.

*

LYRICO. — E tá em viagem a companhia Mancinelli, soffregamente esperada pelo publico.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.